



O uso político da loucura¹

Luiz Roberto Paiva de Faria²

Resumen:

Este artículo presenta una reflexión, en tiempos de revisionismo ideológico en Brasil, sobre el tema de la locura como concepto práctico, elevándolo a la herramienta política. Para una base argumentativa nos dirigimos a Foucault, ya que su historia de la locura, su tesis doctoral, es un hito para comprender la formación del concepto y el desarrollo de las políticas de salud mental a nivel mundial. Más que eso, comprender la formación del concepto de locura implica comprender la historia de la epistemología y cómo el conocimiento es un hecho, en sí mismo, político.

Al final, esperamos despertar al lector a utilizar el concepto de locura según corresponda para comprender su momento histórico.

Palabras clave: Locura; Psicología Social Crítica; Situación histórica política

Resumo::

O presente artigo apresenta uma reflexão, em tempos de revisionismo ideológico no Brasil, sobre a questão da loucura como conceito prático, elevando-a à ferramenta política. Para o escopo argumentativo, recorreremos à Foucault, posto que a

¹ Recibido: 27/10/2020 Aceptado: 23/11/2020

² Maestro de psicología en Centro Universitario Fundación Instituto de Enseñanza de Osasco (UNIFIEO) en Postgrado en Psicología Educacional. Pos doctoral en Psicología en la Pontificia Universidad Católica de Campinas.

Doctor e magister en psicología: ciencia e profissão.

Perito en tribunal de justicia de São Paulo, Brasil.

Psicólogo Educacional en la Ciudad de Mogi das Cruzes, SP. Contacto: luizrobertopsic@gmail.com



sua história da loucura, sua tese de doutoramento, é um marco para o entendimento da formação do conceito e do engendramento de políticas de saúde mental no mundo inteiro. Mais que isso, o entendimento da formação do conceito de loucura passa pelo entendimento da história da Epistemologia e de como conhecimento é um fato, em si mesmo, político.

Ao fim, esperamos despertar o leitor para o uso do conceito de loucura como adequado para entender o seu momento histórico.

Palavras-chaves: Loucura; Psicologia Social Crítica; Conjuntura histórico política

Abstract:

This article presents a reflection, in times of ideological revisionism in Brazil, on the issue of insanity as a practical concept, elevating it to a political tool. For the argumentative scope, we resort to Foucault due to the fact that his “History of Insanity”, his doctoral thesis, is a landmark for understanding the concept formation and the development of mental health policies in the whole world. More than that, the understanding of the concept formation of insanity involves knowing the history of Epistemology and how knowledge is a fact, itself, political. In the end, we hope to awake the reader to the use of the concept of insanity as appropriate to understand his historical moment.

Key words: Insanity; Critical Social Psychology; Political Historical Situation.

Todo mundo já foi chamado de louco, alguma vez na vida! O adjetivo dá o ar da sua graça sempre que alguma ordem instituída se quebra. É fácil de entender... a loucura é útil. Na semana em que comemoramos o dia do psicólogo no Brasil (27 de



agosto), achei pertinente refletir sobre algumas figuras sociais em que a loucura se mostra e argumentar, no fim, o quanto a loucura, como objeto circulante no repertório mais banal, pode ser tão reacionária quanto revolucionária.

A “*carta na manga*” da loucura é simplesmente maravilhosa e congraça com um sem-número de tentações vigiadas pelo outro, por inveja ou por mediocridade. Que outro? Aquele ou aquela a quem a loucura lhe causa pavor, instiga-lhe os sadismos e o ressentimento. O trunfo da loucura é a liberdade. Eis que o espaço da loucura abre um campo de possibilidades para aquele que lhe acolhe, a veste como manto, antes de sucumbir à camisa de força – o contraponto da liberdade.

Diante dessa peculiar idiossincrasia, a loucura confere a ruptura do destino certo, a troca dos pontos finais por coleções de vírgulas, reticências, interrogações e exclamações ao discurso rouco e a encenação cansativa do cotidiano. Mas essa liberdade não pode, assim, ser perdulária... A liberdade ameaça, como se o campo de possibilidades que a liberdade guarda fosse artigo precioso e finito, penoso de extrair. Mais que isso... como se, sendo rara, à liberdade gasta por um fosse faltar na vida do outro.

O fato é que a liberdade, lugar do desejo e da existência, oferece ao ser humano exatamente isso: poder. A liberdade é, tão somente, os recursos internos e as meios de empreendê-los operando-os na natureza e colocando o ser humano em pleno desenvolvimento. Esse se aproxima ao conceito marxiano de trabalho. Mas liberdade é trabalho? Não... Liberdade é o fazer no qual o trabalho, no sentido marxiano³, se objetiva. E é por isso que, para Marx, o pleno exercício do trabalho por um lado, numa sociedade comunista, e o trabalho alienado e controlado por outro, numa sociedade de classes sociais, indicam o grau de emancipação e plenitude do desenvolvimento humano.

O poder, que significa aquilo que podemos, aquilo que é possível – atributo daquilo que você PODE – não é, em si mesmo, perigoso... Àquilo que chamamos de

3 Trabalho no sentido marxiano é uma relação orgânica entre o ser humano e a natureza.



poder está, na verdade, o controle daquilo que podemos fazer. Assim, esse poder, atributo particular, essência do existir, socialmente passa a ser tutelado por um estado nacional, na figura de senhores de respeito, estes também tutelados em nome de interesses particulares de um grupo hegemônico.

A liberdade de que falamos aqui, essência da loucura, tem uma longa história.

É Foucault quem conversa conosco, apresentando a estrutura da loucura que convivemos modernamente. Nem sempre ela foi assim, tal qual assim não fomos. A loucura não esteve presente em nossas vidas quando nos tornamos seres humanos. Mas ela se engendra quando nos tornamos civis. Antes, ela permanecia disfarçada, ou pelo menos, bem menos ameaçava a convivência impoluta de todos. A ideia do privado, como temos hoje, era desconhecida até o fim da idade média, quando os espaços de convivência foram divididos em função dos seus lugares simbólicos na sociedade. A loucura pouco importou até o momento em que esses senhores, em nome do saber, descreviam e prescreviam o desenho do cotidiano. Geralmente eram da igreja, posto que o divino era o resumo de toda a existência humana. A divisão social do trabalho – que obviamente é anterior à idade média - implicou na divisão social do saber e na diferença entre os seres humanos na produção da riqueza (que é aquilo que nos faz produzir vida). Ora... o acesso à produção da riqueza, que só pode acontecer socialmente, não por outro modo, fruto do trabalho socialmente demandado, se beneficia do saber. O controle do saber, por sua vez, é o controle do trabalho, posto que o saber e as possibilidades de fazer (o poder – poder fazer) estão intimamente ligados.

Entenda assim... Para que você possa realizar uma tarefa, você precisa de instruções. Aquele que sabe tem ascendência sobre aquele que faz. Porém, o saber é muito fugidivo. Uma vez repartido, ele perde a sua essência dominadora, pois seu valor de saber está exatamente no fazer... Um saber que não tem consequência imediata ou mediata (e todos tem, em maior ou menor grau) não tem nenhum valor. Uma notícia pode figurar entre os conhecimentos “inúteis”. Saber que Gominho foi na festa da Ivete



Sangalo não tem amplitude para muitos de nós⁴. Para alguém, há de servir.... Mas há conhecimentos que são mais economicamente viáveis. Esses são tutelados e precisam do consentimento do estado. O controle daquilo que se sabe é o controle da própria produção da riqueza. E, por isso, bradamos: Psicólogo não é *coach*⁵... Muito menos o contrário! E assim, o saber se expressa como mercadoria e, como tal, precisa encontrar o seu lugar no exercício de troca por dinheiro e na produção da riqueza. Porque não é o fazer que produz riqueza: é o saber fazer... É ele que traz o frescor da novidade, da instigação do desejo, do espúrio do domínio do outro.

Mas voltemos a Foucault.

Este, ao registrar uma história da loucura, assinala como que, na era clássica, quando então a sociedade de classes ainda mal compreende o sentido do privado, faz adormecer os sentidos do indivíduo, anestesiar-lhe os desejos, também não discrimina os desviantes da conduta prescrita, os criminosos dos loucos, nem os doentes, por qualquer etiologia, dos insanos. Esse não-existir do privado fornecia a uma sociedade feudal os elementos humanos para que senhores feudais pudessem possuir, como a um objeto, os seus servos e manter sua riqueza.

“A décima parte aproximadamente das prisões feitas em Paris, com destino ao Hospital Geral, diz respeito a "insanos", homens "em demência", pessoas "de espírito alienado", "pessoas que se tornaram inteiramente loucas". Entre estas e as outras, nenhum signo de diferença. Seguindo-se o fio dos registros, dir-se-ia que uma mesma sensibilidade os

4 Vinicius Gomes da Costa, conhecido como “Gominho” é um influenciador digital brasileiro, ator e apresentador de programas televisivos de celebridades no Brasil. Ivete Maria Dias de Sangalo Cady, conhecida apenas por Ivete Sangalo é uma cantora, empresária e apresentadora de programas televisivos no Brasil.

<https://heloisatolipan.com.br/toliblog/ivete-sangalo-comemora-45-anos-com-tres-dias-de-festa-e-muitos-famosos-na-bahia-gente-conta-tudo-o-que-rolou/> acesso em 27 de agosto de 2020.

5 Segundo o Instituto Brasileiro de Coaching, Coach “é o profissional que atua aplicando os conhecimentos que tem e a metodologia do Coaching na vida pessoal, profissional e empresarial das pessoas, contribuindo para que elas alcancem seus objetivos em um curto espaço de tempo”... <https://www.ibccoaching.com.br/portal/coaching/o-que-faz-um-coach-2/> Acesso em 27 de agosto de 2020.



localiza, que um mesmo gesto os põe de lado. Deixemos aos cuidados dos arqueólogos a tarefa de determinar se era doente ou não, alienado ou criminoso, este que entrou para o Hospital por "desarranjo nos costumes" ou aquele que "maltratou sua mulher" e quis "desfazer-se" por diversas vezes. A fim de colocar este problema, é preciso aceitar todas as deformações que nossa observação retrospectiva impõe. Queremos crer que é por havermos conhecido mal a natureza da loucura, permanecendo cegos a seus signos positivos, que lhe foram aplicadas as formas mais gerais e mais diversas de internamento. E com isso impedimo-nos de ver o que este "conhecimento errôneo" — ou pelo menos que assim se apresenta para nós — comporta, na realidade, de consciência explícita. Pois o problema real é exatamente o de determinar o conteúdo desse juízo que, sem estabelecer nossas distinções, expatria do mesmo modo aqueles que teríamos tratado e aqueles que teríamos preferido condenar. Não se trata de localizar o erro que autorizou semelhante confusão, mas de seguir a continuidade que nosso atual modo de julgar rompeu. É ao cabo de cento e cinquenta anos de internamento que se acreditou perceber que entre esses rostos prisioneiros havia caretas singulares, gritos que invocavam uma outra cólera e clamavam uma outra violência. Mas durante toda a era clássica existe apenas um internamento; em todas essas medidas tomadas, e de um extremo a outro, oculta-se uma experiência homogênea.” (Foucault, 1972, p.124.)

Traduzindo Foucault... A loucura, disfarçada em qualquer modo de conduta desviante, dá aos diretores gerais dos Hospitais Gerais o poder de polícia, sempre que a ameaça da quebra de status quo se instala. Tal poder se pronuncia que, no século XII, pelo menos dez por cento da população francesa houvera frequentado os degredos dos hospitais sob a forma de internação. É que no torpor da cena feudal, onde os desejos se



tornaram inóspitos, onde a figura do privado ainda não fora experimentada com a atualidade da cena seguinte, a burguesa, qualquer atrevido saidinho que demonstrasse existir ameaçava o implícito contrato de dominação e regência. Não que os desejos não houvessem de existir. Muito pelo contrário – era tamanha a demanda desejanste que houve o movimento socialmente coletivizado de aliená-lo às hegemonias. A demanda desejanste fora o tempero para o surgimento da burguesia. Não é por outro motivo que Foucault fala de um “furor”, termo comum à medicina e ao direito, numa zona nebulosa entre um e outro.

O desejo circulante, essência do pôr humanizado, já que é na impulsão do ser humano em oposição à natureza, estabelecendo com ela uma relação (ato eminentemente criativo), adormece mas vigora por toda a idade média. Ele se manifesta agora nas artes, nas intimidades das relações, se traduzindo, com pessimismo, a necessidade de subjugar o outro. Resta-lhe a ascese, a vergonha e o medo. À medida que assistimos à desmotivação do processo produtivo no interior dos territórios feudais, à medida que este ser humano humilhado, subjogado à condenação servil, fermenta seu fel em nome de uma inquietação criativa, testemunhamos um duplo movimento: de um lado, esse sujeito mais se recolhe aos domínios de um mandante – a nação acima de tudo, Deus acima de todos (e isso não é coincidência!).

Figueredo (1984) assim nos apresenta a questão em Hobbes:

“É a selvageria que impõe a todos, por uma questão de sobrevivência, o estabelecimento de um contrato básico pelo qual cada um renuncia a determinados impulsos e poderes e transfere determinados direitos aos representantes dos interesses de todos: o soberano. O soberano, na qualidade de representante, legisla, executa e se defende de qualquer contestação à sua soberania como forma de defender e garantir a coesão social, a paz entre os homens e as condições mínimas e básicas, para que cada um sobreviva e persiga seus interesses particulares.” (p. 96).



Por outro lado, gestam-se o questionamento do status quo, a sanha da curiosidade à medida que novas formas de produzir riqueza vão se impondo ao fim da idade média, graças ao ressurgimento do comércio nas além-fronteiras dos feudos.

As formas de representar o mundo vão se redefinindo... Deus vai perdendo o lugar para a mão mundana. O controle da natureza se impõe como artifício da produção de riqueza na sua forma original – menos como fazer e mais como saber. E onde não está a loucura, senão no cerceamento da liberdade de saber! Junto com o renascimento da cultura greco-romana, a preocupação do homem moderno, herdeiro da era medieval, é enfaticamente epistemológica. Se de um lado, a tradição hobbesiana instiga a subserviência, de outro, a tradição iluminista rechaça o controle do saber. Mas é na dominação dos instintos que reside o espaço da loucura.

É assim que, ao largo de todos os campos do saber, seja pela dúvida metódica cartesiana, seja pela dúvida empírica baconiana, a loucura, como a própria natureza, ganha nome. O ser humano burguês existe! Ele existe além dos outros seres humanos. Ele sente e pensa. Por isso, ele pode subjugar a natureza. E como pode fazê-lo por seu próprio empenho, também pode estender sua supremacia a outros seres humanos – agora menos pela violência e mais pela sedução.

O campo do saber se especializa e uma psiquiatria refinada pode ser outorgada.

“O momento em que a jurisprudência da alienação se torna a condição preliminar de todo internamento é também o momento em que, com Pinel, está nascendo uma psiquiatria que pela primeira vez pretende tratar o louco como um ser humano. O que Pinel e seus contemporâneos sentirão como uma descoberta ao mesmo tempo da filantropia e da ciência é, no fundo, apenas a reconciliação da consciência dividida do século XVIII.



O internamento do homem social preparado pela interdição do sujeito jurídico significa que pela primeira vez o homem alienado é reconhecido como incapaz e como louco; sua extravagância, de imediato percebida pela sociedade, limita — porém sem obliterá-la — sua existência jurídica. Com isso, os dois usos da medicina são reconciliados — o que tenta definir as estruturas mais apuradas da responsabilidade e da capacidade, e o que apenas ajuda a pôr em movimento o decreto social do internamento.” (Foucault, p. 147-8)

O ser humano burguês pode, desse modo, sentir. Mas, em respeito aos outros, o sentir é consentido. Uma nova ordem social se impõe, qualificando os limites do que se sente. Foucault indica vários recortes da manifestação da loucura a partir da idade moderna: uma esfera ética, uma esfera moral, uma esfera estética.

Ao apresentar essa breve trajetória da loucura, elucubramos que a loucura tem uma função: posicionar o indivíduo/sujeito numa amplitude de saberes/fazeres sempre em relação às amplitudes dos seus pares. Como vimos, o espaço da loucura é o lugar do saber. E o saber é libertador. Mas ao ser libertador, dada a sua infinita possibilidade, também pode ser o refúgio da rotina, da reprodução do mesmo. Assim, a loucura apresenta um movimento duplo: quando designada pelo outro a me chamar de louco, a loucura (sob a forma de infinitas possibilidades, de autoapropriação, de autocuidado, etc) o ameaça e às suas pretensões de me tutelar. Quando designada por mim a me chamar de louco, me refugia das responsabilidades e das consequências que a liberdade me concedeu, fazendo seu exercício mais insidioso, mais matreiro, moleque... No primeiro movimento, a loucura é revolucionária. No segundo, é reacionária e conservadora.

Assim, voltemos ao cotidiano.

Cada vez que te falarem da tua loucura, rebele-se. Talvez nela, esteja aí toda a sua sanidade. Eis o quanto que, no contexto mínimo das relações humanas, a



invocação da loucura te encilha nos mesmos velhos hábitos, que só diante de pequenas pausas necessárias para guarnecer-se de sofisticados recursos, embora sempre à manutenção do mesmo, mais e mais te abraçam. É quando você decide ir embora, é quando você abandona tantos protocolos tacitamente instituídos, é quando você faz diferente e em oposição aos interesses dos seus pares: pronto! Você enlouqueceu!

E ela está ali, o tempo todo! Na caracterização da histeria freudiana, que encilhou a mulher à condição de frágil, e sob o signo de uma “descompensada”, um discurso (o discurso feminino) a quem não se poderia levar a sério. E eis que esse avatar se modernizou sob o facelift de tensão pré-menstrual. Ou os manifestantes, que à resposta da opressão do estado, da violência velada e camuflada no dia-a-dia de uma vida empobrecida, rebelam-se vetorialmente com pedras e paus. Ou a qualquer um que queria fazer qualquer coisa que está fora do script... Loucos! Doidinhos de pedra. Loucura à medida do seu corpo dócil, do desejo tutelado pelo estado, da sombra do outro em você.

Por outro lado, a loucura é uma ferramenta hábil. E sob sua proteção, estou abençoado a manter, ironicamente, a mesma tutela que gostaria de impingir. E assim, Nero pôs fogo em Roma. E Bush atacou o Iraque. E Trump arrumou confusão com a Coreia do Norte. E Bolsonaro saiu sem máscara⁶. E Sidney Magal⁷ incentiva o feminicídio, cantando que se te agarra com outro te mata, te manda algumas flores e depois escapa...

Nem aqui, no lugar da libertação de relações de poder, nem ali, no lugar da conservação de relações de poder, a loucura realmente é um *dasein* legítimo. Para todos os efeitos, ela é um instrumento. Há um projeto político que a justifica. Compreender o momento histórico em que você está inserido, os teus saberes, fazeres e desejares,

6 Em 2020, diante de uma pandemia de Covid-19, a principal recomendação sanitária foi o uso permanente de máscara em situações sociais, caso a população não pudesse ficar em casa e manter o distanciamento social, outra medida nuclear. Contrariando as recomendações técnicas, foi comum presenciar o Presidente da República transitando sem máscara e provocando aglomerações.

7 Sidney Magalhães, conhecido como Sidney Magal, é um cantor, ator e empresário brasileiro, famoso na década de 70-80. Seu primeiro sucesso comercial foi a música “Se te agarro com outro te mato”, de autoria de Cacho Castaña, este um cantor e compositor argentino, e que foi vertida para o português.



tuas cores e tuas palavras, também compreender o/a dos outros, é entender qual o uso conferido à loucura que se lhe surgiu...

Referências.

ELIAS, N. *A Sociedade dos Indivíduos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (1987/1994).

FIGUEIREDO, L.C. *A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação 1500-. 1900*, São Paulo:Escuta, 1996.

Foucault, M. *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1972.